



Ramatís uma Proposta de Luz

Ramatís

RAMATÍS UMA PROPOSTA DE LUZ

Volume I

Obras mediúnicas
ditadas pelo espírito
Ramatís ao médium
Hercílio Maes

© 1955-1999

Hercílio Maes

Ramatís uma Proposta de Luz
Ramatís (obra psicografada por Hercílio Maes)

Todos os direitos desta edição
reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.
CEP 13485-150 — Limeira — SP
Fone/Fax: 19 34515440
www.edconhecimento.com.br
conhecimento@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão, por escrito, do Editor.

Organização e projeto gráfico: Sérgio Carvalho
Ilustração da Capa: Cláudio Gianfardoni
Colaboraram nesta edição:
Margareth Rose Fonseca Carvalho
Mariléa de Castro
Paulo Gontijo de Almeida
Sebastião de Carvalho

ISBN 85-7618-93-6 — 3ª EDIÇÃO - 2006

• Impresso no Brasil • Presita no Brasil

Produzido no Departamento Gráfico de
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA
Fone/Fax: 19 3451-5440
e-mail: grafica@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ramatís (Espírito)

Ramatís uma Proposta de Luz / Ramatís ; obra mediúnica ditada pelo espírito Ramatís ao médium Hercílio Maes. — 3ª ed. — Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2006.

ISBN 85-87619-93-6

1. Espiritismo 2. Psicografia I. Maes, Hercílio, 1913-1993.
II. Título.

CDD — 133.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Mensagens mediúnicas : Espiritismo : 133.91
2. Psicografia : Espiritismo 133.91

Ramatís

RAMATÍS UMA PROPOSTA DE LUZ

Volume I

Coletânea das obras
de
Ramatís por meio da
mediunidade de
Hercílio Maes

3ª edição — 2006



Obras psicografadas por Hercílio Maes

- A Vida no Planeta Marte e os Discos Voadores - 1955
 - Mensagens do Astral - 1956
 - A Vida Além da Sepultura - 1957
- A Sobrevivência do Espírito - 1958
 - Fisiologia da Alma - 1959
 - Mediunismo - 1960
- Mediunidade de Cura - 1963
- O Sublime Peregrino - 1964
- Elucidações do Além - 1964
- Semeando e Colhendo - 1965
- A Missão do Espiritismo - 1967
 - Magia de Redenção - 1967
- A Vida Humana e o Espírito Imortal - 1970
 - O Evangelho à Luz do Cosmo - 1974
- Sob a Luz do Espiritismo (Obra póstuma) - 1999

Sumário

Apresentação.....	9
Quem é Ramatís.....	11
Capítulo das obras de Ramatís/Hercílio Maes	17
A Vida no Planeta Marte e os Discos Voadores	
Capítulo 4 - Família	27
Mensagens do Astral	
Capítulo 14 - A verticalização do eixo da Terra.....	39
A Vida Além da Sepultura	
Capítulo 9 - Considerações sobre a desencarnação.....	54
A Sobrevivência do Espírito	
Capítulo 3 - Noções sobre o perispírito e suas delicadas funções.....	83
Fisiologia da Alma	
Capítulo 20 - Considerações sobre a origem do câncer.....	96
Mediunismo	
Capítulo 8 - As dificuldades nas comunicações mediúnicas com o Alto.....	113
Mediunidade de Cura	
Capítulo 6 - Os passes mediúnicos e o receituário da água fluidificada	125
O Sublime Peregrino	
Capítulo 5 - Jesus de Nazaré e o Cristo Planetário	141
Elucidações do Além	
Capítulo 19 - O duplo etérico e suas funções.....	150

Semeando e Colhendo	
Capítulo 16 - Anjos rebeldes.....	180
A Missão do Espiritismo	
Capítulo 1 - A missão do espiritismo.....	219
Magia de Redenção	
Capítulo 10 - O mau-olhado.....	245
A Vida Humana e o Espírito Imortal	
Capítulo 5 - Problemas do trabalho.....	255
O Evangelho à Luz do Cosmo	
Capítulo 3 - O Evangelho é a lei do Cosmo.....	273
Sob a Luz do Espiritismo	
Capítulo 7 - A mente.....	278
 Ramatis e seus conceitos	 305

Apresentação

A Editora do Conhecimento apresenta o livro *Ramatís - uma Proposta de Luz* possibilitando àqueles que não conhecem os ensinamentos deste instrutor espiritual uma visão global de sua obra.

Este novo projeto foi editado em dois volumes, sendo o primeiro composto de obras psicografadas por Hercílio Maes, e o segundo volume de ensinamentos recebidos por outros médiuns que também psicografam mensagens de Ramatís, como Norberto Peixoto, Maria Margarida Liguori, Sidnei Carvalho e Márcio Godinho. Faz parte do segundo livro, capítulo referente a obra “Mensagens do Grande Coração”, psicografado por América Paoliello Marques, médium desencarnada.

Desde o primeiro momento em que nos envolvemos com as obras de Ramatís, identificamos um preconceito “velado” por parte de alguns espíritas aos ensinamentos deste amigo espiritual.

Sabemos que um dos fatores que marginalizam as correntes do pensamento é justamente a falta de informação, ou informações incorretas que se divulgam sobre elas. É exatamente isso o que ocorre com a obra de Ramatís.

Dentro do movimento espírita, muitos são os que foram “orientados” a não ler os seus livros, sob a alegação de tratar-se de literatura não doutrinária. Outros a rotulavam como espiritualista, sem saber que a doutrina espírita foi classificada por Allan Kardec como uma doutrina espiritualista.

É de conhecimento de todos que foi afirmado por Kardec

que outros ensinamentos ainda estariam por vir. Isto porque a humanidade teria de ampliar sua capacidade de absorção de ensinamentos à medida que se desenvolvesse no campo moral, científico e espiritual.

A exemplo das mensagens de André Luiz e de Emmanuel, as obras de Ramatís foram repassadas pelo Alto no momento compatível com a capacidade de compreensão do homem encarnado.

Não podemos concordar com as críticas a Ramatís, pois a grande maioria dos que o julgam não teve sequer a iniciativa de ler as suas obras. Baseia-se em pontos de vista de dirigentes conservadores, que não sentem a vibração de amor que compõe os ensinamentos deste espírito de escol.

Faz parte das funções do dirigente espírita prestar orientação educacional e moral aos médiuns por meio da vivência do Evangelho. Porém, não se deve cercar o indivíduo da liberdade da escolha intelectual, nem tão pouco ofuscar as características natas que ele traz do passado e que os mantêm ligados às falanges ou aos agrupamentos espirituais, a exemplo da Fraternidade da Cruz e do Triângulo, da qual faz parte Ramatís.

Esse tipo de indução na formação do iniciante espírita gera discriminação e separatividade dentro das correntes de amor regidas por Jesus, além de ser contrário aos postulados espíritas formulados por Kardec.

Esta coletânea possibilitará um passeio pela maravilhosa obra de Ramatís, servindo como uma “amostra” do que poderão encontrar em toda a sua obra.

Reconhecemos em nosso papel de divulgadores dos ensinamentos superiores enviados pelo Plano Espiritual a importância que têm os novos conhecimentos na formação da humanidade do Terceiro Milênio.

Portanto, cabe a todos um esforço diferenciado, na tentativa de esclarecer ao maior número possível de criaturas as diretrizes morais deixadas por Jesus, e a necessidade desse modelo ser vivenciado, já que no Evangelho encontram-se as premissas básicas para a formação do homem do Terceiro Milênio.

Os Editores.

Quem é Ramatís?¹

RAMATÍS VIVEU NA INDOCHINA, NO SÉCULO X, E FOI instrutor em um dos inumeráveis santuários iniciáticos da Índia. Era de inteligência fulgurante e desencarnou bastante moço. Espírito muito experimentado nas lides reencarnacionistas, já se havia distinguido no século IV, tendo participado do ciclo ariano, nos acontecimentos que inspiraram o famoso poema hindu *Ramaiana*.² Foi adepto da tradição de Rama, naquela época, cultuando os ensinamentos do “Reino de Osíris”, o senhor da Luz, na inteligência das coisas divinas. Mais tarde, no Espaço, filiou-se definitivamente a um grupo de trabalhadores espirituais, cuja insígnia, em linguagem ocidental, era conhecida sob a pitoresca denominação de “Templários das Cadeias do Amor”. Trata-se de um agrupamento quase desconhecido nas colônias invisíveis do Além, junto à região do Ocidente, onde se dedica a trabalhos profundamente ligados à psicologia oriental. Os que lêem as mensagens de Ramatís, e estão familiarizados com o simbolismo do Oriente, bem sabem o que representa o nome “RAMA-TYS”, ou “SWAMI SRI RAMA-TYS”, como era conhecido nos santuários da época. É quase uma “chave”, uma designação de hierarquia ou dinastia espiritual, que explica o emprego de certas expressões que transcendem às próprias formas objetivas.

1 — Texto retirado do livro *Mensagens do Astral* 14ª edição, pp. 17-23.

2 — Nota do Revisor — No poema hindu *Ramaiana*, o feliz casal Rama e Sita é símbolo iniciático de princípios masculino e feminino. Mas, unindo-se Rama e atis, ou seja, Sita ao inverso, então resulta Ramaatis, como realmente se pronuncia em indochinês.

Fomos informados de que, após significativa assembléia de altas entidades, realizada no Espaço, no século findo, na região do Oriente, procedeu-se à fusão entre duas importantes “Fraternidades” que dali operam em favor dos habitantes da Terra. Trata-se da “Fraternidade da Cruz”, com certa ação no Ocidente (que divulga os ensinamentos de Jesus), e da “Fraternidade do Triângulo”, ligada à tradição iniciática e espiritual do Oriente. Após a memorável fusão dessas duas Fraternidades Brancas, consolidaram-se melhor as características psicológicas e objetivo dos seus trabalhadores espirituais, alterando-se a denominação para “Fraternidade da Cruz e do Triângulo”. Seus membros, no Espaço, usam vestes brancas, com cintos e emblemas de cor azul-clara esverdeada. Sobre o peito, trazem suspensa delicada corrente como que confeccionada em fina ourivesaria, na qual se ostenta um triângulo de suave lilás luminoso, emoldurando uma cruz liral. É o símbolo que exalça, na figura da cruz alabastrina, a obra sacrificial de Jesus e, na efígie do triângulo, a mística oriental.

Asseguram-nos alguns mentores que todos os discípulos dessa Fraternidade que se encontram reencarnados na Terra são profundamente devotados às duas correntes espiritualistas: a oriental e a ocidental. Cultuam tanto os ensinamentos de Jesus, que foi o elo definitivo entre todos os instrutores terráqueos, tanto quanto os labores de Antúlio, de Hermes, de Buda, assim como os esforços de Confúcio e de Lao-Tsé. É esse um dos motivos pelos quais a maioria dos simpatizantes de Ramatís, na Terra, embora profundamente devotados à filosofia cristã, afeiçoam-se, também, com profundo respeito, à corrente espiritualista do Oriente.

Soubemos que da fusão das duas “Fraternidades” realizada no Espaço, surgiram extraordinários benefícios para a Terra. Alguns mentores espirituais passaram, então, a atuar no Ocidente, incumbindo-se mesmo da orientação de certos trabalhos espíritas, no campo mediúnico, enquanto que outros instrutores ocidentais passaram a atuar na Índia, no Egito, na China e em vários agrupamentos que até então eram exclusivamente supervisionados pela antiga Fraternidade do Triângulo. Os espíritos orientais ajudam-nos agora em nossos labores, ao mesmo tempo em que os da nossa região interpenetram os agrupamentos doutrinários do Oriente, do que

resulta ampliar-se o sentimento de fraternidade entre Oriente e Ocidente, bem como aumentar-se a oportunidade de reencarnações entre espíritos amigos.

Assim, processa-se um salutar intercâmbio de idéias e perfeita identificação de sentimentos no mesmo labor espiritual, embora se diferenciem os conteúdos psicológicos de cada hemisfério. Os orientais são lunares, meditativos, passivos e desinteressados geralmente da fenomenologia exterior; os ocidentais são dinâmicos, solarianos, objetivos e estudiosos dos aspectos transitórios da forma e do mundo dos espíritos.

Os antigos fraternistas do “Triângulo” são exímios operadores com as “correntes terapêuticas azuis”, que podem ser aplicadas como energia balsamizante aos sofrimentos psíquicos, cruciais, das vítimas de longas obsessões. As emanções do azul-claro, com nuances para o esmeralda, além do efeito balsamizante, dissociam certos estigmas “pré-reencarnatórios” e que se reproduzem periodicamente nos veículos etéricos. Ao mesmo tempo, os fraternistas da “Cruz”, conforme nos informa Ramatís, preferem operar com as correntes alaranjadas, vivas e claras, por vezes mescladas do carmim puro, visto que as consideram mais positivas na ação de aliviar o sofrimento psíquico. É de notar, entretanto, que, enquanto os técnicos ocidentais procuram eliminar de vez a dor, os terapeutas orientais, mais afeitos à crença no fatalismo cármico, da psicologia asiática, preferem exercer sobre os enfermos uma ação balsamizante, aproveitando o sofrimento para mais breve “queima” do carma. Eles sabem que a eliminação rápida da dor pode extinguir os efeitos, mas as causas continuam gerando novos padecimentos futuros. Preferem, então, regular o processo do sofrimento depurador, em lugar de sustá-lo provisoriamente. No primeiro caso, esgota-se o carma, embora demoradamente; no segundo, a cura é um hiato, uma prorrogação cármica.

Informa-nos Ramatís que, após certa disciplina iniciática, a que se submetera na China, fundou um pequeno templo iniciático na Índia, à margem da estrada principal que se perdia no território chinês. Nesse templo, procurou ele aplicar aos seus discípulos os conhecimentos adquiridos em inúmeras vidas anteriores. Na Atlântida foi contemporâneo, em uma existência, do espírito que mais tarde seria conhecido

pelo pseudônimo de Allan Kardec (o codificador do espiritismo) que era profundamente dedicado à matemática e às chamadas ciências positivas. Posteriormente, em sua passagem pelo Egito, teve novo encontro com Kardec, que era então o sacerdote Amenófis, ao tempo do faraó Merneptah, filho de Ramsés.

O templo que Ramatís fundou foi erguido pelas mãos de seus primeiros discípulos e admiradores. Cada pedra da alvenaria recebeu o toque magnético e pessoal de seus futuros iniciados. Alguns deles estão reencarnados atualmente em nosso mundo, e já reconheceram o antigo mestre Ramatís através desse toque misterioso, que não pode ser explicado a contento na linguagem humana. Sentem-no por vezes, e de tal modo, que as lágrimas lhes afloram aos olhos, num longo suspiro de saudade.

Embora tenha desencarnado ainda moço, Ramatís pôde aliciar setenta e dois discípulos que, no entanto, após o desaparecimento do mestre, não puderam manter-se à altura do mesmo padrão iniciático original. Eram adeptos provindos de diversas correntes religiosas e espiritualistas do Egito, da Índia, da Grécia, da China e até da Arábia. Apenas dezessete conseguiram envergar a simbólica “túnica azul” e alcançar o último grau daquele ciclo iniciático. Os demais, seja por ingresso tardio, seja por menor capacidade de compreensão espiritual, não alcançaram a plenitude do conhecimento das disciplinas lecionadas pelo mestre. A não ser vinte e seis adeptos que estão no Espaço (desencarnados) cooperando nos labores da “Cruz e do Triângulo”, o restante disseminou-se pelo nosso orbe, em várias latitudes geográficas. Sabemos que dezoito reencarnaram no Brasil; seis nas três Américas (do Sul, Central e do Norte) enquanto que os demais se espalharam pela Europa e, principalmente, pela Ásia.

Em virtude de estar a Europa atingindo o final de sua missão civilizadora, alguns dos discípulos lá reencarnados emigrarão para o Brasil, em cujo território — afirma Ramatís — se encarnarão os predecessores da generosa humanidade do terceiro milênio.

No templo que Ramatís fundou na Índia, esses discípulos desenvolveram seus conhecimentos sobre magnetismo, astrologia, clarividência, psicometria, radiestesia e assuntos quirológicos aliados à fisiologia do “duplo etérico”. Os mais

capacitados lograram êxito e poderes na esfera da fenomenologia mediúnica, dominando os fenômenos de levitação, ubiqüidade, vidência e psicografia de mensagens que os instrutores enviavam para aquele cenáculo de estudos espirituais. Mas o principal “toque pessoal” que Ramatís desenvolveu em seus discípulos, em virtude de compromisso que assumira para com a Fraternidade do Triângulo, foi o pendor universalista, a vocação fraterna, crística, para com todos os esforços alheios na esfera do espiritualismo. Ele nos adverte sempre de que os seus íntimos e verdadeiros admiradores são também incondicionalmente simpáticos a todos os trabalhos das diversas correntes religiosas do mundo. Revelam-se libertos de exclusivismo doutrinário ou de dogmatismos e devotam-se com entusiasmo a qualquer trabalho de unificação espiritual. O que menos os preocupa são as questões doutrinárias dos homens, porque estão imensamente interessados nos postulados crísticos.

Diz-nos textualmente Ramatís: — “Servem-lhes o ambiente do templo protestante, a abóbada da igreja católica, a mesa branca dos *Tatwas* esotéricos, os salões dos teosofistas, o labor fraternista rosa-cruz, o acampamento krisnamurtiano, a penumbra da sessão espírita, o canto dos salvacionistas nas praças públicas, a ruidosidade da umbanda, as posturas muçulmânicas, os lamentos mosaístas, o fatalismo budista, o silêncio dos iogues, o sincronismo dos cenáculos ou as estrofes mânticas dos iniciados. Não os preocupam os invólucros dos homens movendo-se para solucionar o mistério da vida; sentem a realidade contínua do espírito, que só lhes inspira o amor e a fraternidade, a qualquer momento e em qualquer local. Respeitam e compreendem a necessidade que os homens sentem de buscar a verdade, quando se situam em círculos doutrinários simpáticos, a fim de se exercitarem para os vôos crísticos do futuro. Não se adaptam, porém, a exclusivismo algum, e evitam que os postulados doutrinários lhes cerceiem a liberdade da razão”.

Eis em resumo, prezado leitor, um relato sobre a figura de Ramatís, o espírito que nos ditou esta obra e que sempre nos aconselha a que evitemos a ilusão separatista da forma, pois o sentido real da vida espiritual é o princípio coeso e eterno do amor crístico.

Ramatís se nos apresenta à visão psíquica com um traje

um tanto exótico, composto de ampla capa aberta, descida até os pés, com mangas largas e que lhe cobre a túnica ajustada por um largo cinto de um esmeraldino esverdeado. As calças são apertadas nos tornozelos, como as que usam os esquiadores. A tessitura de toda a veste é de seda branca, imaculada e brilhante, lembrando um maravilhoso lírio translúcido. Os sapatos, de cetim azul-esverdeado, são amarrados por cordões dourados que se enlaçam atrás, acima do calcanhar, à moda dos antigos gregos firmarem suas sandálias. Cobre-lhe a cabeça um singular turbante de muitas pregas ou refegos, encimado por cintilante esmeralda e ornamentado por cordões finos, de diversas cores, caídos sobre os ombros. Sobre o peito, uma corrente formada de pequeninos elos, de fina ourivesaria, da qual pende um triângulo de suave lilás luminoso, que emoldura uma delicada cruz alabastrina.

Essa indumentária é um misto de trajes orientais; tipo de vestuário indo-chinês, raríssimo, porque deriva de antigo modelo sacerdotal, muito usado nos santuários da desaparecida Atlântida. Os cordões que lhe pendem do turbante, flutuando sobre os ombros, são velhas insígnias de atividade iniciática: — a cor carmim indica o “Raio do Amor”; o amarelo o “Raio da Vontade”; o verde o “Raio da Sabedoria” e o azul o “Raio da Religiosidade”. Um último cordão branco, que pudemos perceber, é o símbolo de liberdade reencarnatória.

Alguns videntes têm confundido Ramatís com o seu fiel discípulo do passado, que o acompanha no Espaço, também indo-chinês, conhecido por Fuh Planuh, e que aparece com o dorso nu, singelo turbante branco em torno da cabeça e, comumente, com os braços cruzados sobre o peito. É também um espírito jovem na figura humana, embora conserve reduzida barba de cor escura, que lhe dá um ar mais sisudo.

Curitiba, 13 de maio de 1956
Hercílio Maes

Capítulos das obras de Ramatís, por meio da mediunidade de Hercílio Maes

A Vida no Planeta Marte e os Discos Voadores

- Capítulo 1 - Aspectos gerais marcianos
- Capítulo 2 - Aspectos humanos
- Capítulo 3 - Casamento
- Capítulo 4 - Família
- Capítulo 5 - Infância
- Capítulo 6 - Educação e escolas
- Capítulo 7 - Idioma, cultura e tradições
- Capítulo 8 - Religião
- Capítulo 9 - Medicina
- Capítulo 10 - Alimentação
- Capítulo 11 - Esportes e divertimentos
- Capítulo 12 - Música
- Capítulo 13 - Canto, dança e teatro
- Capítulo 14 - Pintura
- Capítulo 15 - As aves
- Capítulo 16 - As flores
- Capítulo 17 - Fruticultura
- Capítulo 18 - Trabalho
- Capítulo 19 - Indústria
- Capítulo 20 - Comércio
- Capítulo 21 - Edificações e residências
- Capítulo 22 - Energia motriz
- Capítulo 23 - Governo
- Capítulo 24 - Faculdades psíquicas
- Capítulo 25 - Reencarnação e desencarnação

Capítulo 26 - Aeronaves, espaçonaves; discos voadores
Capítulo 27 - Viagens interplanetárias
Capítulo 28 - Astrosfia
Capítulo 29 - Filosofia espiritual marciana

Mensagens do Astral

Capítulo 1 — Os tempos são chegados
Capítulo 2 — O Juízo Final
Capítulo 3 — As influências astrológicas
Capítulo 4 — O signo de Pisces
Capítulo 5 — Os Reis Magos
Capítulo 6 — O valor da profecia
Capítulo 7 — A Bíblia e sua significação
Capítulo 8 — O simbolismo do “apocalipse”
Capítulo 9 — A “Besta” apocalíptica
Capítulo 10 — O número 666 na profecia apocalíptica
Capítulo 11 — A queda angélica e a ação satânica
Capítulo 12 — O astro intruso e a sua influência sobre a terra
Capítulo 13 — Os que emigrarão para um planeta inferior
Capítulo 14 — A verticalização do eixo da Terra
Capítulo 15 — As explosões atômicas e os efeitos cármicos
Capítulo 16 — A higienização da Terra, suas futuras riquezas e novas condições de vida
Capítulo 17 — Os Engenheiros Siderais e o Plano da Criação
Capítulo 18 — O Terceiro Milênio e a nova humanidade

A Vida Além da Sepultura

Capítulo 1 — A caminho do além
Capítulo 2 — Primeiras impressões
Capítulo 3 — A metrópole do Grande Coração
Capítulo 4 — Noções preliminares sobre o além
Capítulo 5 — O templo do “Grande Coração”
Capítulo 6 — Noções gerais sobre o panorama astral
Capítulo 7 — O “sentido” da vista no além
Capítulo 8 — Residências e edificações
Capítulo 9 — Considerações sobre a desencarnação
Capítulo 10 — Colônias do astral - aspecto geral
Capítulo 11 — Colônias astrais de costumes antiquados
Capítulo 12 — Colônias do astral - raças e nacionalismos

- Capítulo 13 — Colônias do astral - migrações
- Capítulo 14 — Colônias do astral - sua influência sobre o progresso
- Capítulo 15 — As relações entre vivos e mortos
- Capítulo 16 — A desencarnação e seus aspectos críticos
- Capítulo 17 — Influências do “velório” sobre o espírito
- Capítulo 18 — A eutanásia e as Responsabilidades espirituais
- Capítulo 19 — Espíritos assistentes das desencarnações
- Capítulo 20 — Noções gerais sobre o astral inferior
- Capítulo 21 — Noções sobre as cidades do astral inferior
- Capítulo 22 — Organizações do mal
- Capítulo 23 — Os “charcos” de fluidos nocivos no astral inferior
- Capítulo 24 — Aves e animais do astral inferior

Explicações de Ramatís

- Capítulo 25 — A obsessão: suas causas e efeitos
- Capítulo 26 — A limitação de filhos e suas conseqüências cármicas
- Capítulo 27 — As relações cármicas entre pais e filhos
- Capítulo 28 — Como servimos de “repastos vivos” aos espíritos das trevas

A Sobrevivência do Espírito

- Capítulo 1 — Aspectos da mediunidade
- Capítulo 2 — O “sentido” da vista, no além
- Capítulo 3 — Noções sobre o perispírito e suas delicadas funções
- Capítulo 4 — Revitalização do perispírito - processos empregados
- Capítulo 5 — A volitação e o poder da vontade
- Capítulo 6 — As forças mentais e seus poderes
- Capítulo 7 — Um chafariz de alta função terapêutica
- Capítulo 8 — O diabo e a sede do seu reinado
- Capítulo 9 — A música e seus efeitos
- Capítulo 10 — Uma academia de esperanto e sua modelar organização

Esclarecimentos de Ramatís

- Capítulo 11 — A missão do esperanto na Terra
- Capítulo 12 — Os “mantras” e a língua esperanto
- Capítulo 13 — O espírito do esperanto
- Capítulo 14 — O esperanto e o espiritismo
- Capítulo 15 — Zamenhof e o esperanto
- Capítulo 16 — Sonhos e recordações do passado
- Capítulo 17 — Os estigmas do pecado no corpo físico e no perispírito
- Capítulo 18 — O suicídio e suas conseqüências cármicas
- Capítulo 19 — O espiritismo, seus princípios e sua missão sobre a Terra

Fisiologia da Alma

- Capítulo 1 — A alimentação carnívora e o vegetarianismo
- Capítulo 2 — O vício de fumar e suas conseqüências futuras
- Capítulo 3 — O vício do álcool e suas conseqüências
- Capítulo 4 — A saúde e a enfermidade
- Capítulo 5 — A evolução da homeopatia
- Capítulo 6 — A terapêutica homeopática
- Capítulo 7 — O tipo do enfermo e o efeito medicamentoso
- Capítulo 8 — A Homeopatia e a Alopacia
- Capítulo 9 — As dinamizações homeopáticas
- Capítulo 10 — A homeopatia, a fé e a sugestão
- Capítulo 11 — A homeopatia - precauções e regime dietético
- Capítulo 12 — A medicina e o espiritismo
- Capítulo 13 — Considerações gerais sobre o carma
- Capítulo 14 — Os casos teratológicos de idiotismo e imbecilidade
- Capítulo 15 — A ação dos guias espirituais e o carma
- Capítulo 16 — O sectarismo religioso e o carma
- Capítulo 17 — A importância da dor na evolução espiritual
- Capítulo 18 — As moléstias do corpo e a medicina
- Capítulo 19 — A influência do psiquismo nas moléstias digestivas
- Capítulo 20 — Considerações sobre a origem do câncer
- Capítulo 21 — Aspectos do câncer em sua manifestação cármica
- Capítulo 22 — Considerações sobre as pesquisas e profilaxia do câncer
- Capítulo 23 — Motivos da recidiva do câncer
- Capítulo 24 — Considerações sobre a cirurgia e radioterapia no câncer
- Capítulo 25 — A terapêutica dos passes e a cooperação do enfermo
- Capítulo 26 — Motivos do recrudescimento do câncer e sua cura

Mediunismo

- Capítulo 1 — Considerações sobre o *Livro dos Médiuns*
- Capítulo 2 — A Mediunidade e o “Consolador” prometido
- Capítulo 3 — Todas as criaturas são médiuns?
- Capítulo 4 — A “prova” da obsessão
- Capítulo 5 — Os trabalhadores ativos no serviço mediúnico
- Capítulo 6 — O médium de “mesa” e o de “terreiro”
- Capítulo 7 — Considerações sobre a mediunidade natural e a de prova
- Capítulo 8 — As dificuldades nas comunicações mediúnicas com o Alto
- Capítulo 9 — A extensão e profundidade das comunicações mediúnicas
- Capítulo 10 — O médium anímico-mediúnico e o Intuitivo
- Capítulo 11 — Uma observação individual